

Nostalgias e Frustrações. A Revista *Humanus*: Receitas para o Novo Mundo

Marta F. Topel*

Resumo: A partir de uma leitura crítica da Revista *Humanus*, publicação veiculada pela seita brasileira União do Vegetal, a autora explica as relações entre as idéias esotéricas do grupo e o ideal nazista da pureza racial. Nesse afã, foram analisados os modos de incorporação de valores e símbolos orientais por grupos esotéricos norte-americanos e alemães, com o objetivo de revelar a sua influência na construção da idéia da superioridade da raça ariana pelos nazistas, por um lado, e pelos seguidores da União do Vegetal, por outro.

Palavras-chave: Religião, antropologia, nova era, anti-semitismo, oriente.

Quem tomar o número dois da revista *Humanus* em mãos terá, já na página de abertura, a medida de seu conteúdo. A modo de exemplo do teor anti-semita que será nota constante na publicação, estão grafadas duas frases: uma do ideólogo do nazismo, Alfred Rosenberg: “Nunca neste mundo se alcançou algo grande sem entusiasmo”; outra, de Theodor Herzl, fundador do sionismo político: “Se quiserem, isto não será um sonho”, como se o ideal sionista e o ideal nacional-socialista tivessem representado realidades históricas análogas.

Idêntico tratamento – isto é, descontextualização do material utilizado e criação de contrapontos bizarros como estratégia para chegar a conclusões aberrantes – é observado no texto intitulado “Sionismo x Nazismo: a semelhança dos opostos”, introduzido com uma fotomontagem dos rostos de Einstein e Hitler, confundindo-se numa mesma pessoa. Não pretendo fazer aqui uma análise crítica do texto em questão. Todavia, com o objetivo de ilustrar as distorções encontradas, resumirei as principais teses apresentadas pelo autor – ou pelos autores?¹ – do texto. Elas

* A autora é Profa. Dra. do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP.

1. Relacionado a esse tratamento da História que, repetimos, é no mínimo perigoso, o que na verdade

são: 1) o nacional-socialismo não constituiu outra coisa que a exacerbação e atualização dos princípios religiosos judaicos; e 2) foram a hipocrisia, o “sentimento tribal” e a vingança de Einstein os fatores que fizeram estalar a Segunda Guerra Mundial. Ao longo da matéria, uma obtusa visão anti-semita se expressa numa pletora de parágrafos. Considero importante citá-los por extenso, pois eles revelam a sua semelhança com dois tragicamente “célebres” panfletos anti-semitas: *Os Protocolos dos Sábios de Sião* e *A Minha Luta*, de Hitler. Assim:

Foi então que o velho ressentimento, que havia muito rondava a mentalidade judaica, encontrou um eficiente canal de expressão prática. Pois aquela elite financeira logo percebeu que o poder do dinheiro tornava finalmente realizável um projeto latente no subconsciente judaico, e que sempre havia parecido apenas uma quimera: dominar efetivamente o conjunto da sociedade gentia [...] (p. 75)

Composta preponderantemente por financistas judeus [a rede de bancos da Alemanha anterior à ascensão de Hitler], essa rede de interesses pairava como um poder supranacional oculto por sobre todas as nações, que se submetiam secretamente a ela, quando não eram dominadas diretamente por seus representantes (p. 75).

Estas duas asseverações, como tantas outras encontradas nos três exemplares da Revista *Humanus* que circulam hoje no Brasil, constituem um exemplo transparente das “teses” conspiratórias, que construíram uma mitologia que encontra nos judeus a encarnação do Mal e seu absoluto poder de destruição do mundo. Este mecanismo é utilizado em diversos artigos, cujo objetivo é proporcionar exemplos “concretos” da conspiração judaica mundial, artifício usado tanto na compreensão da História de Ocidente desde a Antigüidade até os dias de hoje, quanto na análise da realidade brasileira contemporânea.

Mas, se existe uma característica distintiva da revista *Humanus*, é a sua capacidade de despistar leitores desprevenidos. Do ponto de vista formal e à diferença dos panfletos neonazistas que costumam circular no Brasil e em outros países, encontramos-nos com uma publicação cara, de realização primorosa, muitas vezes

surpreende e assusta é o fato de os articulistas não assinarem os textos de sua autoria, posição defendida no artigo “*Humanus Loquitur*” (pp. 15-16), sobre a base do consenso da totalidade dos participantes em relação ao conteúdo de todas as matérias, e da necessidade do “sacrifício do ego” como “requisito fundamental para a construção de uma Obra em prol de uma causa maior”. Cabe aqui nos interrogarmos: que é isto, senão uma forma supostamente sofisticada de se esconder no anonimato e, desta forma, colocar uma muralha para qualquer tipo de diálogo ou argumentação?

confundida com uma revista de arte. O cuidado da impressão se reflete no preço exorbitante que, segundo os editores, tenta compensar a ausência de publicidade. Um outro fator que faz desta revista um caso *sui generis* é a composição de seu *staff*, no qual há professores universitários e colaboradores judeus.

Contudo, o quebra-cabeças desta publicação se faz ainda mais difícil de resolver, se prestarmos atenção aos temas escolhidos por seus editores e como eles são desenvolvidos. A modo de ilustração, citarei os títulos de alguns artigos: “Nikola Tesla, um gênio desconhecido”, texto que aprofunda nas descobertas deste físico e sua oposição às teorias de Einstein que, de forma ineludível, teriam levado à destruição do mundo; “Aristóteles: o filósofo esquelético”, no qual se desenvolve uma crítica mordaz ao racionalismo aristotélico, pedra fundamental da decadência de Ocidente; “A maior tragédia naval da História”, em referência ao afundamento do transatlântico alemão *Wilhelm Gustloff* pelos aliados, fato silenciado ao longo da história porque, à diferença do acontecido com o *Titanic*, seus passageiros “não tinham amigos em Hollywood”; “Sociedades Secretas: Bilderberg, o plano oculto de dominação mundial”, longa matéria que desentranha os mecanismos de dominação mundial desenvolvidos por este grupo, composto de “poderosos banqueiros, políticos, empresários, membros das polícias secretas como a CIA, e proprietários das maiores redes de comunicação”, entre os quais se destacam os nomes de Rothschild, Soros e Kissinger; “Trajetória de um fariseu”, matéria que discute diversos crimes cometidos pelo Senador cassado, Roberto Requião; “Ezra Pound: uma voz no deserto”, seguido do poema *A Usura*; “O mendigo e o imperador”, apologia ao desapego que distinguiu o filósofo Diógenes; “Diabologia: a arte de conhecer Satã”, longa entrevista ao mestre Joaquim José de Andrade Neto, Diretor do Centro Espiritual Beneficente União do Vegetal; e “União do Vegetal: a religião do sentir”, coletânea de matérias que explicam a missão e história deste grupo esotérico. Ao conteúdo eclético da revista, aparentemente sem qualquer fio condutor, deve acrescentar-se o uso de bibliografia atualizada em várias línguas.

A REVISTA *HUMANUS*, OU DO DELÍRIO COMO RUMO A UM NOVO MUNDO

Apesar deste mapeamento sumário, acredito ser fácil perceber que não estamos frente a uma revista política. Com efeito, a revista *Humanus* é uma publicação da União do Vegetal, religião fundada na Amazônia em 1961 por José Gabriel da

Costa, chamado por seus discípulos de Mestre Gabriel. O centro da experiência religiosa da União do Vegetal é o uso ritual da *hoasca*, chá de propriedades psicoativas preparado com duas espécies vegetais, de significativa difusão na franja ocidental da Amazônia. Na União do Vegetal, porém, e segundo consta no seu Regimento Interno², o uso do chá é “para efeito de concentração mental”, e o estado alterado de consciência desencadeado pela ingestão da *hoasca*, a *burracheira*, único veículo para alcançar a evolução espiritual.

No seu sentido mais amplo, a União do Vegetal forma parte do Movimento Nova Era, definido por uma das especialistas latino-americanas no tema³ como um circuito alternativo nascido na Califórnia na década de sessenta, constituído por uma rede internacional de pessoas maioritariamente urbanas, que se organizam em comunidades que oferecem serviços tais como medicinais tradicionais e alternativas, ocultismo, astrologia, yoga e meditação, receitas ambientalistas e propostas para a purificação individual e do planeta. E se bem as variações são muitas no que diz respeito à orientação ideológica dos diversos grupos, há algumas diretrizes comuns a todos eles, resumidas, pela mesma especialista, no acento “na autonomia individual (versus instituições e normas sociais) com a conservação de uma natureza equilibrada (versus ação intencional tecnológica), o oriente (versus o ocidente), e o corpo e o espírito (versus a mente)”⁴. Uma forma alternativa e até inocente de encarar um mundo altamente tecnocrático e burocratizado.

Porém, pesquisas desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos⁵ revelam uma relação inextricável entre a Nova Era e o neonazismo, cuja matriz ideológica remonta ao final do século XIX, inícios do século XX, mais especificamente, à teosofia desenvolvida por Helena Blavatsky e aos ensinamentos de Alice Bailey. Na década de 20, Alice Bailey funda o movimento New Age nos Estados Unidos, cuja primeira editora tinha por nome Lucifer Publishing Company. Hoje a sua doutrina

2. Cf. Sérgio Brissac, “Alcançar o Alto das Cordilheiras: A Vivência Mística de Discípulos Urbanos da União do Vegetal”, texto apresentado nas *IX Jornadas de Religião do Mercosul*, 1999.

3. Cf. M. J. Carozzi, *A Nova Era no Mercosul*, Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

4. Cf. M. J. Carozzi, *op. cit.*, p. 13.

5. Há poucas pesquisas que analisem a relação entre o movimento Nova Era e o neonazismo; entre elas, cabe salientar os dois livros de Nicholas Goodrick-Clarke, *The End of Time: Faith & Fear in the Shadow of the Millennium*, University Press of New England, 1997 e *Black Sun: Aryan Cults, Esoteric Nazism and the Politics of Identity*, New York: New York University Press, 2002. Um texto revelador sobre o tema foi publicado pela revista *Left Green Perspectives*, n. 35, January, 1996. Finalmente, no site www.philologos.org, há um caudal importante de informação a respeito, compilado sob o nome de *The Rainbow Swastika*, pela pesquisadora independente Hannah Newman.

é difundida através de vários periódicos de circulação internacional, bem como por meio de *sites* na internet e da constante reedição de seus livros, considerados clássicos do movimento New Age. Nesses textos, Bailey elabora um complexo programa para o estabelecimento da Nova Era, que inclui planos de guerras religiosas, a forçada redistribuição dos recursos do planeta, o desarmamento total, a iniciação multitudinária nos ensinamentos de sua doutrina, e uma teologia para fundar o novo mundo, baseada na eliminação de religiões obstinadas, entre as quais a que deve ser combatida com maior rigor é o judaísmo⁶.

Extrapolando os limites deste trabalho aprofundar nos pilares da visão de mundo da Nova Era que, entre outros, incorpora a noção de *kharma* racial e uma hierarquia definida em relação às diferentes raças e nações. Porém, no que diz respeito ao judaísmo, a análise é a seguinte. Uma vez que a Bíblia hebraica não constitui uma crônica verdadeira da história dos judeus e sim uma falsificação com objetivos claros, o que existe é uma nação que viveu e vive uma ilusão identitária, insistindo numa singularidade basicamente separatista. Assim, da mesma forma em que um indivíduo insano é incapaz de separar realidade de fantasia, os judeus, na melhor das hipóteses, são elementos disfuncionais e, na pior, um perigo para si mesmos e para o resto da Humanidade. A solução para este conflito milenar é encontrada no seu isolamento e confinamento, para bem de judeus e não-judeus⁷.

No plano de Bailey há, também, uma curiosa distinção entre judaísmo e judeus, sendo que estes últimos só poderão ser reabilitados com a condição de renegarem de sua religião, foco infeccioso e corruptor das grandes religiões e da própria idéia de religiosidade. Mais precisamente, o judeu religioso e o judeu secular não têm lugar no novo mundo, e sim aqueles que, consciente e propositalmente, abominam dos ensinamentos perversos da Torá.

Esta asseveração é de significativa importância, uma vez que é a partir dela que podemos entender a presença de judeus no movimento Nova Era em geral, e na União do Vegetal em particular. Assim, no volume 3 da revista *Humanus*, um lon-

6. Nas palavras de Bailey: "The Jew, owing to his rays and point of development, is outstandingly creative and artistic. This he must recognize and not seek as he now does to dominate in all fields, to grasp all opportunities away from other people at the expense of others. Release from the present situation will come when the Jews forgets that he is a Jew... The Jewish problem will be solved by intermarriage; that of the Negro will not. This will mean concession and compromise on the part of the orthodox Jews – not the concession of expediency but the concession of conviction" em *Esoteric Healing*, p. 267.

7. Cf. Alice Bailey, *Esoteric Healing, Externalisation; The Plan*.

go depoimento de uma mulher judia que escreve suas lembranças do transe provocado pela *burracheira* é ilustrativo de muitos outros encontrados entre adeptos de distintos grupos simpatizantes da Nova Era. Eis alguns trechos do relato adjudicado à discípula da União do Vegetal, Linda Isabel Flomembaum:

Meu coração parecia de pedra. Porém, aos poucos, fui tendo a oportunidade, através a comunhão com o Oaska, de fazer um exame minucioso das minhas origens. Foi um período difícil, em que, sem intervenções ou interferências, fiz uma revisão da bagagem ancestral que eu carregava. A partir desse auto-exame, comecei a entender o porquê do sofrimento do povo judaico e do meu próprio sofrimento... De repente, uma palavra despertou dentro do meu coração, uma palavra que começou a palpitar no meu interior: “Perdão!”... Eu tinha que pedir perdão pela ignorância do meu povo... É por essa experiência pessoal que estou convencida de que só através da União do Vegetal os judeus poderão se libertar da dormência provocada por uma insensibilidade milenar.

DA INOCENTE EXCENTRICIDADE ESOTÉRICA À AMEAÇA DA NOVA DIREITA: ALGUNS DADOS

Em 1997, Damian Thompson, sociólogo da Universidade de Kingston, publicou um dos poucos textos acadêmicos cujo objetivo é revelar as relações existentes entre o movimento Nova Era e expressões do que conhecemos como nova direita radical. Como ponto de partida para sua análise, Thompson se apóia nos textos e na figura de David Icke, popular comentarista de esportes da BBC, que, após um chamado espiritual, transformou-se num líder carismático do movimento Nova Era e do partido verde britânicos. No primeiro livro publicado por Icke, *The Robot's Rebellion*, às diretrizes do partido verde se acrescentam teorias conspiratórias, nas quais os vilões são judeus, maçons, banqueiros, o FBI, o grupo Bilderberg, o lobby que controla a venda de armas e alienígenas, dentre os quais, Jehová, o vingativo Deus dos judeus. Estes poucos dados mostram que, apesar do anti-semitismo de Icke ser de uma variante esotérica, ele se entrincheira muito bem na extrema direita, quando acusa os judeus de ter provocado a Primeira e Segunda Guerras, culpando-os pelos excessos do Terceiro Reich, incluindo o Holocausto. Nessa mesma linha, Icke acusa os banqueiros judeus de terem patrocinado a ascensão de Hitler ao poder, e faz um chamado para que seus leitores levem a sério o Revisão Histórico. Este dado não é nada desprezível se levarmos em consideração a quan-

tidade de seguidores de Icke, avaliada em dezenas de milhares só na Inglaterra. Um exemplo mais próximo a nós da conjunção de idéias da direita neonazista e princípios esotéricos, encontramos-lo na figura de Miguel Serrano, diplomata e escritor chileno, cuja obra tem grande repercussão na América Latina. Na visão de Serrano, que expressa a linha de pensamento de outros mestres e gurus com grande poder de convocatória em Ocidente, Hitler é o décimo avatar, cuja missão foi dar início a uma nova Humanidade⁸.

Como fora mencionado, é a partir da figura e ideologia de Icke que Thompson tenta desvendar as relações entre a Nova Era e a extrema direita, concebidos, *prima facie*, como dois pólos cultural e politicamente opostos. No que diz respeito à Nova Era, sua análise o leva a concluir que seu componente nazista não é casual, e não deve ser posto de lado como uma repentina e inexplicável insanidade coletiva de alguns indivíduos pertencentes a um movimento que, de outra maneira, seria benéfico.

Em relação a este ponto, o livro de Nicholas Goodrick-Clarke, *Hitler's Priestess: Savitri Devi, the Hindu-Aryan Myth and Neo-Nazism*, nos traz subsídios para compreender a afinidade entre ambos os movimentos, assim como o próprio título do texto sugere. Por outro lado, são numerosas as fontes históricas que relatam a participação de um número significativo de líderes nazistas em sociedades secretas e grupos ocultistas⁹. Além do mais, as teorias raciais que inspiraram os ideólogos do nacional-socialismo se ancoraram, não só na pseudociência da época, mas nos mitos nórdicos desenvolvidos por grupos esotéricos, entre os quais se destacam a teosofia de Helena Blavatsky e a seita Thule, ordem aristocrática secreta, criada em Múnic após a Primeira Guerra, que desde seu início urgiu seus membros a lutar contra o inimigo judeu.

Neste cenário, a idéia de Helena Blavatsky em relação à existência, no extremo norte da Europa, de uma cidade subterrânea compreendida como a origem de, e o lar para, a humanidade evoluída, não constituiu uma idéia nem original nem con-

8. Uma outra figura que desde os anos 30 até 1982, ano de sua morte, idolatrou Hitler por considerá-lo um defensor da causa ariana, inextricavelmente ligada à superioridade do hinduísmo, foi Savitri Devi Mukherjee, guru inglesa, que chegou a desempenhar funções de espionagem em contra dos aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Cf. Nicholas Goodrick-Clarke, *Hitler's Priestess: Savitri Devi, the Hindu-Aryan Myth and Neo-Nazism*.

9. Nicholas Goodrick-Clarke, *The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and Their Influence on Nazi Ideology: The Ariosophists of Austria and Germany, 1890-1935*, New York University Press, 1994.

trovertida na Alemanha de final do século XIX e inícios do século XX¹⁰. Muito menos a sua veneração pelas culturas e religiões do extremo Oriente. De fato, durante o século XIX, vários estudiosos alemães manifestaram desprezo pela Bíblia hebraica como fonte de informação sobre as origens do homem e, influenciados pela moda orientalista vigente à época, aferraram-se às tradições hindu e sânscrita para substituí-la por uma outra. Assim, no momento em que os alemães conseguem ligar suas origens à Índia, ficam removidos para sempre seus laços com o mundo semítico. Não foi longo o passo dado por Friederich von Schlegel para concluir que hindus e nórdicos partilhavam da mesma origem e, por conseguinte, pertenciam à mesma raça, uma raça superior, para a qual utilizou um termo obscuro: “ariano”, que até então designava os antigos persas.

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Contrariamente ao que às vezes se supõe e se afirma, nem o esoterismo é, *a priori*, essencialmente voltado ao mundo espiritual, nem a política necessariamente racionalista e pragmática. Se estas ponderações têm algum sentido, após esta breve análise já é possível começar a compreender o fio condutor que rege as idéias desenvolvidas ao longo da revista *Humanus*. Elas constituem um exemplo paradigmático de que “nenhuma teoria conspiratória é tão completa que não possa acomodar um novo vilão; nenhum mapa de um país esquecido é tão detalhado que não consiga abrir o caminho para uma ou duas cidades subterrâneas; e nenhuma descoberta científica tão limitada em sua aplicação para não incorporar alguma interpretação dada pela Nova Era”¹¹. Dentro desta perspectiva, é fácil compreender que a União do Vegetal encontre as origens prístinas da humanidade não corrompida em algum pico sem nome da Cordilheira dos Andes, próximo ao centro do Império Inca – ainda que também haja referências aos antigos impérios Persa e Egípcio, e à Atlântida – e reverencie como Mestre-Mor um seringueiro da Amazônia.

Em relação às recorrentes contradições e à aparentemente disparatada junção de temas e idéias que se seguem nos três volumes da *Humanus*, e que foram salientadas com surpresa por numerosos leitores, observamos um outro traço característico da Nova Era: o não-compromisso com a lógica dos argumentos desen-

10. Cf. Damian Thompson, *op. cit.*

11. Damian Thompson, *op. cit.*, p. 5. Tradução da autora.

volvidos, sendo muito nebulosos os limites entre ficção e realidade, e muito fáceis de serem encontradas asseverações contraditórias a respeito do bem e do mal, sobre o destino e o livre-arbítrio, a igualdade e o elitismo, a verdade e a falsidade.

Finalmente, apesar da existência de padrões mais ou menos regulares entre os grupos ligados à Nova Era neonazista, duas tipicidades dizem respeito a suas vertentes brasileiras, e a como este movimento é encarado pela sociedade mais ampla. A primeira delas se refere ao perfil dos adeptos. Assim, se segundo pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos, a grande maioria dos seguidores do movimento está composta por uma população maioritariamente urbana, porém sem educação formal, no Brasil nos encontramos com uma situação diferente, caracterizada pelo significativo número de acadêmicos que adotaram as doutrinas da União do Vegetal, bem como as de outros grupos ligados ao movimento Nova Era. Um reflexo patético desta situação é a divulgação da revista *Humanus* e a sua venda em várias Universidades prestigiosas do País, a exemplo da USP, da Unicamp e da UFRJ. A segunda característica diz respeito ao silêncio dos ideais nazistas que impregnam algumas vertentes da Nova Era, entre as numerosas pesquisas brasileiras abocadas à sua análise¹². Embora ambas as peculiaridades devam ser analisadas com maior profundidade, acredito que a sua simples verificação sugere que só tínhamos suposições, mas nenhuma evidência de que, por princípio, intelectuais e acadêmicos tenham sido *disciplinados* no exercício do bom senso – seja qual for a *disciplina* com a qual se identifiquem.

BIBLIOGRAFIA

BAILEY, A. *Esoteric Healing*, p. 267 (e-book).

———. *Externalisation* (e-book).

———. *The Plan* (e-book).

BRISSAC, S. “Alcançar o Alto das Cordilheiras: A Vivência Mística de Discípulos Urbanos da União do Vegetal”, texto apresentado nas *IX Jornadas Alternativas de Religião do Mercosul*, Rio de Janeiro, 1999.

CAROZZI, M. J. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

12. Cf. María Julia Carozzi (org.), *A Nova Era no Mercosul*, Petrópolis, Vozes, 1999; Sérgio Brissac: “Alcançar o Alto das Cordilheiras: A Vivência de Discípulos Urbanos da União do Vegetal”, *IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, Rio de Janeiro, 1999.

- GOODRICK-CLARKE, N. *Black Sun: Aryan Cults, Esoteric Nazism and the Politics of Identity*. New York, New York University Press, 2002.
- _____. *The End of Time: Faith & Fear in the Shadow of the Millenium*. University Press of New England, 1997.
- _____. *Hitler's Priestess: Savitri Devi, the Hindu-Aryan Myth and Neo-Nazism*. New York University, 1995.
- _____. *The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and Their Influence on Nazi Ideology: The Ariosophists of Austria and Germany, 1890-1935*. New York University Press, 1994.
- GOULART, S. "Contrastes e continuidades entre os Grupos do Santo Daime e da Barquinha", em *IX Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, Rio de Janeiro, 1999.
- KALMAN, M. & MURRAY, J. "From Green Messiah to New Age Nazi", *Left Green Perspectives*, n. 35, January, 1996.
- MACRAE, E. "Santo Daime, an example of ritually controlled use of psychoactive substances", *VIII Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, 1998.
- NEWMAN, H. *The Rainbow Swastika*, in www.philologos.org.
- THOMPSON, D. "Gaia Anti-Christ and the Ex-Files: A Trawl through the Cultic Milieu" in Kingston University, March, 1997 (www.kingston.ac.uk/cusp/Lectures).

Abstract: On the base of a critical reading of *Humanus*, a magazine published by the Brazilian sect named "União do Vegetal", the author explains the relations between the esoteric ideas of the group and the Nazist ideology of racial purity. With this in mind the strategies of incorporation of oriental myths and symbols by Northamerican and German esoteric groups in the period between 1920 and 1930 were analyzed. Its aim was to disclose their influence in the construction of the ideal of the superiority of the Aryan race by Nazism, and among the followers of the União do Vegetal at the present time.

Keywords: Religion, anthropology, new age, anti.